

A Carlos Walter, com Carinho e Admiração

To Carlos Walter with Affection and Admiration

Maria Célia Nunes Coelhoⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Nascido no Rio de Janeiro em 1949, morreu em Florianópolis, no dia 6 de setembro de 2023, Carlos Walter Porto-Gonçalves, colega controverso e, por isso mesmo, inesquecível. Calou-se, assim, uma das importantes vozes, direcionada sobretudo aos jovens da geografia brasileira e da América Latina contemporâneas.

Como Falar de um Colega?

A primeira medida é refletir sobre os significados da categoria colega ou sobre quem é um colega.

Um colega é alguém da nossa geração, alguém humano com qualidades e defeitos. Sem ser amigo íntimo, é com quem convivemos durante um determinado período e cuja trajetória de vida não nos passa despercebida.

A segunda medida é refletir sobre a categoria humanista ou sobre quem é humanista.

O humanista é um filósofo que organiza seus pensamentos ou sistemas de ideias e raciocínios para refletir sobre os seres humanos, seus sofrimentos, suas ações e lutas. Uma pessoa não insensível aos problemas, às dores e às organizações socioespaciais dos seres humanos.

A Construção de um Personagem

Falamos aqui sobre um colega que não foi um geógrafo qualquer, mas um geógrafo sensível e relevante que acompanhamos durante parte de nossa vida. Foi um geógrafo com vitalidade e confiança em si.

Certamente, falar sobre a construção como geógrafo significa abordar sua a evolução enquanto geógrafo em sua juventude, na transição da juventude para a maturidade e em sua maturidade.

Na Juventude

Na sua juventude, foi questionador, e isto era certamente parte de sua preparação como pesquisador. Atento aos deslizes cometidos por geógrafos profissionais e não profissionais, não perdia a oportunidade de criticar. Eu o conheci no curso de mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1973. Para mim, uma mineira tímida,

ⁱ Professora Aposentada. mcncelho@gmail.com

ingênua e provinciana, com medo da ditadura que assolava o Brasil, Carlos Walter era politizado, audacioso e corajoso. Naquele tempo, ele era um jovem indomável, de comportamento não usual para a época, que pintava o cabelo e acrescentava às roupas um colar que, com o tempo, tinha características indígenas. Sem exagerar na extravagância visual, era alguém que jogava com o estranhamento para chamar a atenção para suas ousadias ou seduzir colegas. Era um geógrafo ainda em formação, treinador da observação, do ouvir e da indagação. Admirava o geógrafo Orlando Valverde e, inspirado nele, passou a cultivar o apreço pela Amazônia. Quanto à professora Bertha K. Becker, tinha por ela amor e crítica, contestando-a sempre que podia. Era um desafiador do professor Jorge Xavier da Silva, a quem irritava com frequência.

Morava em Santa Tereza. Admirava a esposa, Nilse, da época, uma historiadora que apoiava os primeiros escritos geográficos dele, dotados de perspectivas históricas. Com a visão voltada para as relações entre sociedade e natureza, começava a se interessar por geografia e ecopolítica.

Desde cedo, Carlos Walter compreendeu a oportunidade que a vida lhe ofereceu: de comunicar e escrever para jovens geógrafos. Assim, desenvolveu uma escrita repleta de abordagens de situações que pareciam geograficamente inexplicáveis para os jovens que começam a si formarem. Um filão que foi por ele explorado junto à abordagem de populações originárias ou subalternas. Tudo isso, ao contrário de diminuí-lo, o engrandeceu.

Para abrir seus olhos e os nossos, por volta de 1975, surgiu Milton Santos no Rio de Janeiro, ou melhor, no departamento de Geografia da UFRJ. Com o prof. Milton já em São Paulo, Carlos Walter desenvolveu, em 1985, sua dissertação de mestrado cujo título foi “Os limites d’os limites do crescimento: análises do relatório do Clube de Roma”. O prof. Milton o tinha como um próspero crítico, analista do Brasil e do mundo contemporâneo.

Milton Santos, Carlos Walter e Rui Moreira se interessavam pelo destino da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Nos primeiros anos de 1980, ele (Carlos Walter) se associou a Jorge Luiz Barbosa que cuidava, juntamente com Rui Moreira e outros – inclusive eu, substituída depois por Gisela P. do Rio –, da AGB-Rio. Carlos Walter, por sua vez, chegou mais tarde a ser o presidente da AGB nacional (1998-2000).

Com o tempo, já no caminho de transição de sua juventude para a maturidade, casou-se com Márcia, que o encorajava apoiando-o em seus engajamentos profissionais e político-geográficos. Mudou-se para Niterói onde tinha se tornado professor de geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF) a partir de 1985.

Na Transição da Juventude para a Maturidade

Na transição da juventude para a maturidade, Carlos Walter levou a sério sua titulação investindo nela, de forma a se treinar como geógrafo investigador. Como pesquisador perspicaz, já com análises geográficas aperfeiçoadas, deu vazão aos interesses pela Amazônia, dirigindo-se particularmente para o Acre. Fundamentado em suas lutas e experiências empíricas na Amazônia Oriental, escreveu sua tese de doutoramento sob a

orientação de Lia Osório Machado. A tese foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG da UFRJ –, em 1998, com o seguinte título: “Nos varadouros do mundo: da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira”.

Maturidade

Na maturidade, já era um geógrafo bem formado. Nesta fase, dedicava-se a escrever mais, a formar e orientar estudantes, alunos brasileiros e estrangeiros, engajados no Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades (LEMTO) por ele criado. Atuava no Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso), viajando pela América Latina. Tudo isso tornou sua escrita mais poderosa e difundida pela América do Sul. Com o tempo, seu coração passou a se mostrar com problemas. Outras questões de saúde também vieram. Em 2019, ele se aposentou da UFF e, em 6 de setembro 2023, lá se foi embora nosso colega.

Síntese: Como Resumir Quem Foi Carlos Walter

Para fazer uma síntese sobre o geógrafo Carlos Walter é preciso reconhecer que ele foi um colega marcante, dotado de grande sagacidade e muito bom escritor. Sua escrita caracterizava-se por ser leve e, ao mesmo tempo, grave e insinuante. Tinha apreço pela origem das palavras como no caso do vocábulo **Geographia**, o qual gostava de analisar. Era um professor e um pesquisador politicamente engajado e perspicaz. Via com otimismo os geógrafos e os avanços da geografia. Ficou conhecida sua frase dita mais ou menos assim: “A geografia está em crise. Viva a crise!”. A paixão pela Amazônia bem como a ambição por compreender o Brasil, a América Latina e o mundo eram seus esforços visíveis e constantes.

Uma maneira de descrever Carlos Walter é examinar seus escritos. Os principais foram:

– *Paixão da terra – ensaios críticos de ecologia e geografia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. SKU: 27850598.

– *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1989. ISBN 8585134402.

– *Amazônia, Amazônias*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2001. ISBN 97887241513.

– *Geo-grafías: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad*. México: Siglo XXI de España Editores, 2001 (resenha de Ruy Moreira).

– *Geografando: nos varadouros do mundo – da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a Reserva Extrativista)*. Brasília: Edições Ibama, 2003.

– *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. ISBN 8520006833.

– *Geografia da violência no campo brasileiro: o que dizem os dados de 2003*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 75, p. 139-169, 42006. ISSN 02541106.

– *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006. ISBN 9788520006832.

Da leitura do conjunto da obra de Carlos Walter, inferimos que o ambiente, a Amazônia e a globalização foram os três temas de abordagem mais encarados por ele, cuja dedicação tornou seus escritos importantes.

Quanto ao tema e à militância ambientais, há que se indagar: O que era ambiente para Carlos Walter? Certamente, para ele, ambiente era e é continuamente construído em um mecanismo que envolve as relações entre natureza e sociedade estruturada em classes sociais hierarquizadas. No processo de transformar a natureza, a sociedade constrói uma natureza diferente da anterior, um novo quadro de possibilidades e limitações, gerando novos desafios às sociedades.

O tema Amazônia Oriental, abordado como assunto de sua tese de doutoramento (e de publicações), vista como sendo um resultado de experiências próprias vividas – nas quais Carlos Walter desenvolveu uma espécie de pesquisa participante – repensou suas ações, revisou suas próprias observações e distinguiu interpretações a fixar das descartáveis.

Sobre o tema globalização, ele analisou fatos, situações e processos a seu modo, trabalhando as relações entre Globalização e Natureza, inspirado em autores que considerava relevantes, entre eles, o português Boaventura do Souza Franco. Procurou, assim, ler e compreender o mundo impactado pelos avanços da comunicação e da tecnologia e seus efeitos sobre ambientes há muito transformados pelos seres humanos. O livro possui o mérito de traduzir linguagens eruditas em escritos de forma clara e acessível a todos. Portanto, o autor tentou dar conta das interpretações dos conflitos e mudanças sociais, espaciais, ambientais e culturais.

Baseando-se nos avanços acumulados ao longo da vida ou à custa de exercícios contínuos de observações geográficas, Carlos Walter trouxe para debate a temática das apropriações agrárias e industriais, avanços tecnológicos, violência no campo, nas cidades do Brasil, na Amazônia ou, especialmente, em espaços geográficos periféricos impactados pela globalização. Esses espaços localizados no território brasileiro e latino-americanos foram objetos de análise de geógrafos bem treinados – como foi o exemplo de Carlos Walter –, e nunca de geógrafos amadores.

Concluindo

Qual era a personalidade de Carlos Walter? Uma personalidade tem múltiplas facetas. Fica, assim, difícil traçar a de alguém, principalmente a de um colega nosso. O personagem retratado por meio de nossas reminiscências realmente existiu tal como o descrevemos? Certamente esse personagem continha mais atributos e defeitos que fizeram parte de sua vida; no entanto nem todos foram aqui mencionados. Por motivos diferentes, alguns foram esquecidos ou não foram sequer memorizados. Carlos Walter será, sem dúvida, lembrado pelo entusiasmo, sobretudo, pela geografia.

Tentamos celebrar, com nossas limitações e segundo nossos próprios valores, as facetas de um personagem, retrato que ficou aquém da visão do próprio Carlos Walter – se tivesse ainda aqui entre nós – ou de colegas a ele mais chegados. Entretanto, fica aqui nossa singela homenagem a um humanista, um filósofo voltado para a compreensão da sociedade humana e de suas relações com a natureza.

Por fim, Carlos Walter é digno de figurar na galeria dos importantes geógrafos do nosso tempo. Embora ele talvez tivesse ou não sonhado ser um “medalhão”, teve o mérito de fugir dos estereótipos dos medalhões traçados no conto intitulado “Teoria dos Medalhões”, de Machado de Assis. Assim, Carlos Walter ocupa, sem dúvida, seu lugar entre os geógrafos mais lidos por jovens geógrafos latino-americanos do nosso tempo.

Nossos aplausos ao colega e geógrafo Carlos Walter!

Recebido em: 25/09/2023.

Aceito em: 26/09/2023.